



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO I
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

RAYFE ALVES DOS SANTOS

**CIBERTERRITÓRIOS: estereótipos e estigmas regionais contra os
nordestinos no ciberespaço**

CAMPINA GRANDE – PB
2012

RAYFE ALVES DOS SANTOS

CIBERTERRITÓRIOS: estereótipos e estigmas regionais contra os nordestinos no ciberespaço

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em geografia.

Orientador: Prof^o Dr. Antônio Albuquerque da Costa

CAMPINA GRANDE – PB
2012

S237c Santos, Rayfe Alves dos.
Ciberterritórios [manuscrito]: estereótipos e estigmas regionais
contra os nordestinos no ciberespaço / Rayfe Alves dos Santos. –
2012.
49 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa,
Departamento de Geografia”.

1. Geografia - Ciberespaço. 2. Ciberterritórios. 3. Relações
Sociais. I. Título.

21. ed. CDD 910

RAYFE ALVES DOS SANTOS

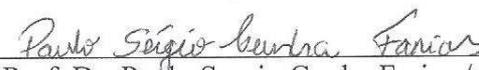
CIBERTERRITÓRIOS: Estereótipos e estigmas regionais contra nordestinos no ciberespaço

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em geografia.

Aprovada em 06/12/2012.


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa / UEPB
Orientador


Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Paulo Sergio Cunha Farias / UFCG
Examinador

DEDICATÓRIA

A minha avó, Rita Maria dos Santos que, no decorrer de meu curso, tem enfrentado as adversidades impostas pela vida de forma motivadora.

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, pela força que senti atribuída em vários momentos da jornada acadêmica.

Aos meus pais, Aluisio Francisco dos Santos e Rita Alves dos Santos, aos quais devo, além da minha existência, gratidão pelas várias formas de apoio que tenho recebido.

Ao professor Dr. Antônio Albuquerque da Costa por ter investido nesta temática, também pela orientação e pela dedicação despendida.

Ao Esp. Josias Silvano Barros, responsável pela percepção acerca da temática ciberespacial e por inúmeras conversas que renderam grandes atribuições à minha formação enquanto geógrafo.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB, em especial, Faustino Moura Neto, Marília M^a Quirino Ramos, João Damasceno, Josandra Araújo Barreto de Melo e Lincoln da Silva Diniz (mesmo não fazendo mais parte da instituição) que, direta ou indiretamente, contribuíram ao longo de quatro anos, por meio das disciplinas e de debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Um agradecimento especial à José Roberto dos Santos Araújo, José Arimateia dos Santos Araújo, Teresinha M^a dos Santos Araújo, Severino Ramos Santos e Éricka Araújo Santos que além do incentivo dado e da participação em vários momentos também foram grande fonte de apoio no decorrer destes quatro anos e com certeza sem os quais a conclusão deste curso não seria possível.

Aos colegas de classe e de transporte pelos momentos de amizade e apoio, em especial à Daniele Alvarenga Melquiades, David Luiz de Almeida, Elane Jovino Carlos, João Márcio Lima, Rosiely Souza Teixeira e Rui da Silva Barbosa.

À todos que de alguma forma contribuíram na minha formação acadêmica.

O espaço é mais do que distância. É a esfera de configurações de resultados imprevisíveis, dentro de multiplicidades. Isto considerado, a questão realmente séria que é levantada pela aceleração, pela “revolução das comunicações” e pelo ciberespaço não é se o espaço será aniquilado ou não, mas que tipo de multiplicidades (padrões de unicidade [*uniqueness*]) e relações serão co-construídas com esses novos tipos de configurações espaciais (MASSEY, 2008, p. 139).

RESUMO

O ciberespaço surge como um novo campo às relações sociais e, dessa forma, à Geografia. Este meio constitui um campo de crescente interesse para a sociedade e para as áreas do conhecimento, entretanto, percebe-se uma escassez de estudos de Geografia à compreensão da temática. Este estudo visa a análise da interação social do espaço virtual evidenciada por meio dos ciberterritórios, por sua vez, entendidos nesta pesquisa como as comunidades virtuais e pelas práticas sociais presentes nas redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Orkut*. Para tanto, parte-se do método netnográfico proposto por Kozinets *apud* Amaral (2010) e do pressuposto da realidade como fruto da ação humana. Objetiva-se, dessa forma, a identificação do ciberespaço como campo de pesquisa da Geografia, bem como, evidenciar as territorialidades presentes neste meio através de estereotipações regionalistas.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço. Relações sociais. Estereotipações regionalistas. Ciberterritórios.

ABSTRACT

The cyberspace Emerged as a new field of social relations and Thus To Geography. This medium is an area of growing interest by society and areas of knowledge, However, there is a shortage of Perceived studies to understand the geography theme. This study AIMS at the analysis of social interaction in virtual space through ciberterritórios evidenced, in turn, defined in this study the virtual communities and social practices present in the social networks Facebook, Twitter and Orkut. Therefore, part of the method is Proposed by netnográfico Kozinets *apud* Amaral (2010) and the assumption of the reality the result of human action. The purpose is the identification of cyberspace Thus the research the field of geography, as well as highlight the territorialities gifts through this medium estereotipações regionalists.

KEYWORDS: Cyberspace. Social relations. Regionalist stereotyping. Cyber Territories.

RESUMEN

El ciberespacio surge como un nuevo campo hacia relaciones sociales y de esa forma, a la Geografía. Este campo constituye un área creciente interés para la sociedad y para la áreas de conocimiento, sin embargo, se nota una escasez de estudios de áreas de Geografía a La comprensión temática. Este estudio visa el análisis de la interacción social del espacio virtual evidenciado por medio de los ciberterritorios, que a su vez, entendidos en esta pesquisa como las comunidades virtuales y por las prácticas sociales presentes en las redes sociales *Facebook*, *Twitter* e *Orkut*. Para esto, se parte del método *netnográfico* propuesto por Kozinets *apud* Amaral (2010) y del presupuesto de la realidad como fruto de la acción humana. Se objetiva, de esa manera, la identificación del ciberespacio como campo de investigación científica de la Geografía, así como, evidenciar territorialidades presentes en este medio mediante estereotipos regionalistas.

PALABRAS-CLAVES: Ciberespacio. Relaciones sociales. Estereotipos regionalistas. Ciberterritorios.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Proporção de Usuários de Internet por Região (2008-2011)	25
FIGURA 2 –	Atividades de Lazer Desenvolvidas na Internet (2008-2011)	26
FIGURA 3 –	Depoimento Postado na Rede Social <i>Twitter</i>.....	32
FIGURA 4 –	Comunidade Virtual da Rede Social <i>Orkut</i>.....	40
FIGURA 5 –	Depoimento na Rede Social <i>Twitter</i>.....	41
FIGURA 6 –	Depoimento na Rede Social <i>Facebook</i>.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. UM PONTO PARA A METODOLOGIA	14
2. A EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO	16
2.1 O Advento Do Meio Técnico-Científico-Informacional e a Globalização.....	18
2.1.1 Criação e Popularização da Internet.....	22
2.1.2 Cibersujeitos: mais uma constituinte do Ciberespaço.....	23
3. CIBERESPAÇO: UMA NOVA DIMENSÃO AS RELAÇÕES SOCIAIS	27
3.1 As Relações Sociais no Ciberespaço.....	29
3.2 Noção de “Mundo Sem Lei”.....	30
3.3 A Interação Entre Espaço Físico e Virtual.....	33
4. NAÇÃO REGIONAL E QUESTÕES IDENTITÁRIAS	34
4.1 Desconstruindo a Base Física do Conceito de Território.....	35
4.2 Os Regionalismos e as Figuras Identitárias.....	37
4.2.1 Os Ciberterritórios como Palco aos Conflitos Regionais.....	38
CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

O aumento da velocidade através da qual a informação se dilui é simultânea a aceleração dos mecanismos de evolução tecnológica. O acesso a esses fatores, tanto os de evolução quanto os de difusão informacional se dão de forma desigual, entretanto, o grau de atuação deste processo atinge, atualmente, tal notoriedade que se encontra arraigado ao cotidiano social. A geografia, como ciência que estuda as relações produzidas pelo homem no meio, depara-se, então, com este novo ambiente de interação produzido no meio técnico-científico-informacional.

Visto que a sociedade atua de forma crescente na interação intermediada por meio de elementos tecnológicos, a internet surge como campo de conexão de uma série de realidades anteriormente afastadas e essa interação com o outro leva, em certos casos, ao surgimento de conflitos que, assim como as demais relações presentes no espaço virtual, acontecem de forma instantânea e em muitos casos com maior repercussão que no meio físico.

Esse ambiente virtual parte de uma forma diferenciada da realidade física, onde até então, predominam as relações humanas, este é construído em sua totalidade pelo homem, mas não é transformado como se deu o desenvolvimento no meio físico, mas sim de forma bem mais acelerada, dessa forma encontra-se impregnado dos elementos socioculturais consistentes no espaço palpável. Na sua construção e reconstrução, o ciberespaço herda de seus criadores suas identidades, fobias, preconceitos e necessidades de auto-afirmação.

No ciberespaço nota-se a presença de uma espécie de divisão dos estado do Norte/Nordeste e os demais, essa quebra no ideal “Nação” apresenta-se por meio da atribuição de estereótipos depreciativos e discriminatórias. Essa interação dá-se, dentre outras formas, nas redes sociais e ganha além de maior repercussão de suas práticas, um aumento da agressividade das mesmas, em parte, relacionado a noção de “mundo sem lei” presente no ciberespaço.

Com base no afirmado até então, este estudo se propõe ao reconhecimento do ciberespaço como campo de pesquisa geográfica onde se fazem presentes, sob forma virtual, suas categorias de análise, bem como, evidenciar e analisar os ciberterritórios por meio das estereotipações regionalistas, analisar o papel do ciberespaço em sua influência no espaço físico e evidenciar o uso do método netnográfico como forma de estudo da realidade ciberespacial.

Para a compreensão da temática parte-se das seguintes hipóteses, primeiro a de que o ciberespaço reproduz as questões do cotidiano, porém com maior veemência, diante da maior

liberdade que os agentes sociais têm para manifestar suas opiniões e ideologias. Em segundo, a exacerbação dos ódios, violências, intolerâncias e preconceitos que marcam a sociedade contemporânea têm maior visibilidade no ciberespaço onde os cibersujeitos dispõem de quase que completo anonimato para expressar suas ideias. Outra proposição levantada sugere que o ciberespaço, tal como o espaço concreto evidencia-se por múltiplas territorialidades nas quais os indivíduos massificados pela globalização tentam imprimir suas marcas identitárias.

Em primeiro momento, este estudo aborda a temática referente a metodologia utilizada, percebe-se uma dificuldade na definição do método de estudo das práticas culturais ciberespaciais, este momento da pesquisa visa o esclarecimento da metodologia utilizada por meio da explanação de alguns autores. Em seguida, apresenta-se uma explanação acerca da evolução técnica da qual provém o meio técnico-científico-informacional e a globalização, nessa evolução ocorreu o surgimento da internet e, conseqüentemente, do ciberespaço, abordado neste momento pelo surgimento da internet e pela compreensão dos cibersujeitos como componentes da constituição ciberespacial.

No terceiro momento, ou capítulo desta pesquisa, retrata-se o ciberespaço como um campo onde as relações sociais acontecem de forma inédita, mediadas pela possibilidade interação entre indivíduos de diversas partes do globo. Há, ainda neste capítulo, esclarecimentos acerca do estereótipo de “mundo sem lei” atribuído ao ciberespaço e de como as práticas desenvolvidas no meio virtual interferem na realidade palpável.

No último momento deste estudo desenvolve-se a hipótese de como a quebra do ideal “nação” pode levar a conflitos que no ciberespaço, ocorre por meio do surgimento de territórios virtuais. Assim, propõe-se também a existência da categoria geográfica território no meio fluido, para tanto, há a análise dos aspectos delimitação do território e sua aplicabilidade no meio ciberespacial.

1. UM PONTO PARA A METODOLOGIA

A geografia visa o estudo das relações sociais e destas com o meio onde se dão. Essas relações ocorrem mediante vínculos comunicativos e tem o espaço onde acontecem como campo de atuação às conseqüentes alterações por elas criadas. Essa interação e sua intervenção sobre o meio são fruto da comunicação entre indivíduos ou grupos de indivíduos, conforme Rocha e Montardo (2005), a geografia, bem como outras ciências, se valem da comunicação ou interação para análise de seu objeto de estudo. E, uma vez que, a comunicação ser uma das áreas do conhecimento que mais se interessa por esse campo, a relação entre geografia e comunicação (enquanto áreas do conhecimento) é notória e indispensável à realização deste estudo.

Com a popularização da internet e advento do meio ciberespacial uma nova realidade configura essas relações sociais. Há a aceleração da interação social por meio da instantaneidade característica do meio virtual, bem como, na forma como essa interação incide sobre o meio físico. Há também um crescente interesse das áreas de estudo da comunicação acerca da temática, demonstrado pela diversidade de trabalhos realizados acerca das formas como seu objeto de estudo age no espaço virtual. Em contrapartida, há a escassez de estudos de geografia para compreensão da dinâmica ciberespacial, escassez essa que se opõe a valorização que a temática tem ganhado no meio acadêmico e que dificulta o apanhado metodológico deste tipo de pesquisa, no entanto, assim como no estudo do meio palpável e suas relações, o meio virtual também necessita de um norte, no tocante a linha metodológica dessas pesquisas.

A escassez relatada associa-se a outro agente que age como inibidor do desenvolvimento de uma base metodológica. Este refere-se a densidade de nomenclaturas empregadas, mas que, em muitos casos, não possuem grandes diferenciações práticas. Entretanto, a discussão, neste estudo, acerca da temática metodológica, bem como, o uso deste método pode parecer estranho. Em primeiro momento, este estudo poderia pautar-se na análise de discurso de depoimentos postados nas redes sociais (*Orkut, facebook, twitter*), no entanto, a postagem de discursos é uma das formas que compreende as práticas através das quais a interação social ocorre no ciberespaço, da mesma forma da postagem de vídeos, por exemplo, e também valendo-se da definição Baztán *apud* Rocha e Montardo (1995) onde “etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de alguns de seus aspectos fundamentais,

sobre a perspectiva de compreensão global da mesma” nomenclatura metodológica utilizada neste trabalho pode-se citar a convergência do método etnográfico como base à concepção de que a análise de discurso não seria eficiente à explicação metodológica. No tocante à vários neologismos: “netnografia”, “etnografia virtual”, “webnografia” e mais uma série de intitulações que são reflexo da busca por um método de análise da interação social no ciberespaço. Entretanto, o termo que mais precisamente parece adequar-se a este estudo é o definido por Kozinets como netnografia¹, como será visto adiante.

O fato de existir tão grande anseio em relação ao cunho metodológico de pesquisas voltadas à temática ciberespacial tem uma de suas bases na questão de como colocar-se na cultura do outro sem, fisicamente, interagir com o mesmo. De acordo com Amaral (2010) os antropólogos mais ortodoxos não concordam com o uso da etnografia no meio ciberespacial devido sua fluidez. Contudo, valendo-se novamente da concepção de etnografia de Baztan *apud* Rocha e Montardo (Idem), abre-se a possibilidade de seu uso no ciberespaço mediante adequação a essa nova realidade. Essa definição associada à colocação de Amaral *apud* Kozinets (2010) pauta ainda mais a aceitação da netnografia como base metodológica à execução de pesquisas no ciberespaço.

Talvez as neologias nem se diferenciem tanto, no que se refere aos procedimentos ou abordagens de cada uma, porém, neste estudo o termo adotado é o definido por Kozinets *apud* Rocha e Montardo (2005), onde netnografia é um derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia pelo fato de abranger uma forma maior de formas de interação ciberespacial:

The netnographic approach is adapted to help the researcher study not only forums, chat, and newsgroups but also blogs, audiovisual, photographic, and podcasting communities, virtual worlds, networked game players, mobile communities, and social networking sites² (Kozinets *apud* Amaral, 2010, p. 130).

Deve-se entender que as práticas culturais ciberespaciais, apesar de influenciarem no meio físico, não são físicas como no espaço do palpável. As atitudes compreendidas neste ambiente são extremamente dependentes do uso de tecnologias e inversamente dependentes de interação física. A interação social do espaço virtual deve, então ser analisada em sua fluidez e na compreensão de sua totalidade sendo composta pela ação humana, ou seja, através da observação das práticas que a compõem, e que não compreendem apenas postagens

¹ O termo netnografia é colocado neste estudo como sinônimo de etnografia virtual.

² O método etnográfico é adaptado não apenas ao estudo ou análise de fóruns, *chats*, grupos de notícias, mas também blogs, conteúdo audiovisual, fotográfico, *podcasting*, comunidades, mundos virtuais, jogos em rede, jogadores, comunidades móveis e sites de redes sociais.

textuais, mas assim como entende Kozinets *apud* Amaral (2010) conteúdos de áudio, vídeo, imagem, fóruns, etc.

A pesquisa propõe-se dessa forma, a um levantamento qualitativo a respeito das territorialidades presentes no ciberespaço, para tanto, o aprofundamento bibliográfico, histórico e documental acerca da temática ciberespacial faz parte do primeiro momento de execução deste estudo. Em segundo momento, há a coleta de dados que se referem à práticas de comunidades virtuais presentes nas redes sociais já citadas.

Vale ressaltar que a pesquisa nestas comunidades limitar-se-á as que relacionam-se com a temática de estereotipações de inferioridade dirigida à região do Nordeste brasileiro, de forma que há a delimitação do tipo de interação estudado e não das várias formas como esta interação pode ocorrer.

Espera-se ainda que a realização deste estudo abra a possibilidade do uso da netnografia, ou de outra metodologia semelhante, em pesquisas da área de geografia com o campo do espaço fluído e que tanto tem a oferecer não só a esta, mas a várias áreas do conhecimento.

2. A EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O homem ocupa atualmente os mais diversos tipos de ambiente, não apenas habitando-os, mas produzindo nestes, para tanto, no decorrer do desenvolvimento humano uma série de técnicas foram criadas a fim de sanar diferentes necessidades de diferentes momentos. Segundo Gil e Morandi (2000, p. 24):

Cada grupo humano, para construir seu espaço de vida ou seu modo de vida, o constrói com as técnicas inventadas para tirar da natureza os elementos necessários à sua sobrevivência. Portanto, ao organizar a produção, o homem organiza a vida social do grupo, estruturando seu espaço de acordo com sua força, necessidade, desejos e aspirações.

Esses mesmos autores descrevem, de forma generalizada, como se deram os momentos de evolução das técnicas. Em primeiro momento, citam Ruy Moreira tratando da dominação do fogo, fato que representa, neste momento, a abertura de uma série de mudanças no estilo de vida adotado até então, como um aumento de controle sobre o meio, uma vez que, até o momento, a noção de tempo e espaço estava ligada ao ritmo de mudança da natureza. Tal domínio possibilitou tanto mudanças no modo de se alimentar até o desenvolvimento de hábitos noturnos mais variados. Posteriormente a revolução agrícola, a domesticação dos animais levaram ao sedentarismo e a produção do espaço.

Em seguida, Gil e Morandi (2000) relatam acerca do cotidiano vivido durante a idade média, para tanto, citam Kurz que traz uma visão do cotidiano europeu, retratando o modo de vida das sociedades feudais, onde a jornada de trabalho dos camponeses, por exemplo, eram muito mais flexíveis. Entretanto, Gil e Morandi (*op cit*) ressaltam o pensamento de Milton Santos no qual há a afirmação de que haviam tantas técnicas quanto eram os lugares no começo da história humana. De fato, Durant (1957) em “História da Civilização” faz um traçado acerca do desenvolvimento das técnicas chinesas onde apresenta-se uma diferenciação contrastante entre essas práticas e as europeias, dentre elas a fertilização da terra com excrementos humanos.

Em um terceiro momento Durant (1957) relata o período que engloba a primeira e segunda Revoluções Industriais, nesta primeira mudança há o contraste entre o uso do tempo de trabalho do sistema feudal, com o tempo que passa a ser mecânico e não mais natural. Na segunda transformação esse mesmo autor ressalta o advento do modo de produção *fordista/taylorista* que leva a valorização das especialidades, no tocante aos produtos, generalização das técnicas, concentração populacional nas cidades, mecanização do campo e aumento da degradação ambiental.

A evolução destas técnicas, sua crescente complexidade, desencadearam, no pós-Segunda Guerra o surgimento do que Milton Santos (1988), classifica como *meio técnico-Científico-Informacional*, ou seja, o atual momento da trajetória social onde as técnicas possibilitaram a difusão sem precedentes da informação que, por sua vez, age como base para continuidade deste processo evolutivo.

Nos períodos destacados por Milton Santos como Meio Natural, Meio Técnico e Meio Técnico-Científico-Informacional percebe-se uma evolução na complexidade das técnicas, primeiro a necessidade de segurança é garantida pela obtenção do conhecimento necessário para o domínio do fogo, a necessidade por alimentação levou as primeiras formas de agricultura, por sua vez, esta desencadeou a necessidade de fixação de residência em um lugar. Posteriormente a população passou a concentrar-se em pequenos povoados desenvolvendo cidades, este ato proporcionou uma nova realidade e conseqüentemente uma nova série de carências (como desenvolver modos de se transportar água e alimentos, por exemplo). Em seguida, a Revolução Industrial deu início a um crescimento das cidades que tiveram de se renovar procurando meios de transporte de massas, aumento da produtividade agrícola e melhora da infraestrutura. Em um outro momento, a necessidade de comunicação entre as várias partes do globo tornou-se indispensável à continuidade desse desenvolvimento capitalista, houve então o surgimento do telégrafo, do telefone.

O surgimento da internet se deu em um outro momento de revolução, denominado de Terceira Revolução Industrial, este período é marcado pelo advento da microinformática e da genética e abrange, desde o surgimento da internet até os dias atuais.

2.1 O Advento do Meio Técnico-científico-informacional e a Globalização.

Desde o primeiro momento retratado percebe-se a utilização e transmissão de conhecimentos, o que o diferencia do atual é a complexidade adquirida por esse conhecimento ao longo dos demais períodos o que, por sua vez, leva à crescente valorização deste processo informacional. A sociedade caminhou ao longo do tempo de forma que a difusão da informação alcançasse um número crescente de pessoas, por meio do ensino regular e meios de comunicação de massas, onde se incluem o jornal, a televisão, a internet, dentre outros. O ensino, por exemplo, atinge grande parte da população mundial, entretanto, sua qualidade varia de acordo com a condição social de cada lugar, na prática isso implica na variação da qualidade da estrutura física e pedagógica da cada escola.

Dessa perspectiva derivam dois pontos de vista, o primeiro sugere que não só entre países há uma diferenciação socioeconômica-cultural, uma vez que, nada impede a ocorrência desta diferença dentro de uma mesma nação. É de comum percepção a presença dessa heterogeneidade nas diferentes regiões de um mesmo país. E o segundo insinua um ambiente interligado no tocante a informação, neste momento a sociedade subjuga o físico no que diz respeito a criação e trânsito desta informação.

Com a criação da internet, por exemplo, a conexão global começou a ser vista como “possibilidade”, Santos (2008) ressalta que a propagação da técnica assim como em outros momentos acontece de forma desigual, entretanto, seu crescente aumento leva a uma condição de conhecimento mais generalizado de criação e divulgação de informações. Levy (1999) levanta uma observação notável, acerca das formas de comunicação anteriores, este autor relata a existência de um fluxo de sentido único no trânsito das informações, dos centros emissores à periferia receptora ou de um indivíduo a outro, uma limitação no que condiz a seu grau de propagação. No entanto, o atual estágio do período vigente permite além de um refluxo informacional imediato, a possibilidade de qualquer um comunicar-se na escala indivíduo-massa.

Essa dinâmica de aceleração da circulação de dados pelo globo torna notável ainda a redução das barreiras físicas como fronteiras, com isto, não se afirma o espaço como empecilho, a geografia não perde seu campo de estudo em função de uma nova ordem. De acordo com Massey (2008) a distância imposta pelo espaço é condição à multiplicidade, ou

seja, no tocante a interação social o espaço é quem ganha com o advento da instantaneidade virtual, no entanto, essa questão será explicitada mais adiante.

Ao longo dos períodos do desenvolvimento humano, primeiramente o transporte com animais que permitia o deslocamento tanto de pessoas como de utensílios e alimentos, em seguida as grandes navegações quando houve a possibilidade de pela primeira vez atravessar o mundo. Posteriormente a invenção da máquina a vapor, um salto no que diz respeito a velocidade, depois os veículos a motores de explosão, mais recentemente os aviões dão novamente um salto na velocidade. Atualmente “o estar aqui” não impede de sabermos o que ocorre nos mais diversos lugares ou de interferirmos na realidade de vários pontos instantaneamente e sem sairmos de fato do lugar, a maior quebra até então na interferência do meio, uma vez que este esteja equipado para isto.

No que diz respeito a essa nova conjuntura Paiva (2003, p.44) afirma que:

As medidas que definiam tempo e espaço não são hoje mais determinantes. O aperfeiçoamento dos sistemas, em especial os de transportes, propicia um deslocamento físico satisfatório, encurtando as distâncias. Também o equipamento relativo aos serviços de telecomunicações, aliado a expansão informacional, consolida essa situação, alterando não apenas o espaço, mas também o tempo, a fim de introduzir a possibilidade de uma nova e impensada realidade: o virtual.

A informação é fator determinante a essa conjuntura, mas vale salientar que o agente diferenciador do *Meio Técnico-Científico-Informacional* não é o fato de a informação ser a base do desenvolvimento das técnicas, porque todos os momentos dependeram do conhecimento, mas o fato de que há, neste momento, um aparente descontrole no tocante ao acesso a essa informação, descontrole esse criado pela difusão das técnicas, neste caso as novas tecnologias, que apresenta-se como um dos aspectos da globalização e tem alcançado níveis não antes vistos, bem como, o reconhecimento de sua funcionalidade por uma parcela maior da sociedade.

A globalização surge como consequência do desenvolvimento das técnicas e aumento das necessidades. A ocupação humana que se deu, em seu início, de forma pontual com a existência de ilhas populacionais, passou, com o desenvolvimento técnico a possibilitar a ocupação das mais variadas partes do globo, além da conexão entre essas partes. E mesmo onde não há esta efetiva ocupação há a influência do homem. Esse caráter pontual isolado característico dos primórdios da civilização, associada à diferenciação espacial condizente aos diversos ambientes do planeta foi motor do surgimento das particularidades, no tocante a estruturação sócioespacial de cada lugar:

Dentro de cada país, a compartimentação e a solidariedade presumiam a presença de certas condições, todas praticamente relacionadas com o

território: uma economia territorial, uma cultura territorial, regidas por regras, igualmente territorializadas, na forma de leis e de tratados, mas também de costumes. (SANTOS, 2008. p. 83).

A realidade então isolada de cada grupo foi condição ao surgimento da diversidade cultural ainda presente, em cada lugar utilizava-se os recursos disponíveis e mesmo locais de condições parecidas desenvolviam técnicas diferenciadas, devido ausência de contato entre os mesmos.

Com o aumento da comunicação entre os mais variados locais essa variabilidade cultural passou a ser entendida. A descoberta do novo mundo, por exemplo, possibilitou uma experiência de choque cultural inimaginável. Aqueles alienígenas desenvolveram-se de formas próprias, suas técnicas, costumes e crenças nunca haviam sido retratados, porém com uso do novo mundo como colônia houve a supressão de suas práticas em detrimento dos costumes europeus, talvez na maior compartimentação técnica.

A partir do aperfeiçoamento dos meios de transporte e do desenvolvimento da internet, no último terço do século passado, a prática de conhecimento dos lugares e suas culturas é levado ao ganho de uma nova dinâmica: a possibilidade de ir ao outro sem estar lá, ou seja, a vivência ou interação virtual. Essa proposta da globalização faz alusão a uma ótica de universalização das culturas, da perda das particularidades. Massey (2008) descreve acerca da relação espaço-tempo onde, em um primeiro momento havia a supremacia do tempo em detrimento ao espaço, entretanto, ocorre o oposto. Segundo esta autora o tempo passa a ser subjugado em relação ao espaço por intermédio dessa interação virtual. A redução das distâncias, no sentido da comunicação, contrasta com o aumento quantitativo e intensivo das relações sociais, esse acréscimo baseia-se justamente pela aproximação de diferentes contextos culturais:

O espaço é mais do que distância. É a esfera de configurações de resultados imprevisíveis, dentro de multiplicidades. Isto considerado, a questão realmente séria que é levantada pela aceleração, pela “revolução nas comunicações” e pelo ciberespaço não é se o espaço será aniquilado ou não, mas que tipo de multiplicidades (padrões de unicidade [*uniqueness*]) e relações serão co-construídas com estes novos tipos de configurações espaciais. (MASSEY, 2008, p. 139).

Essa co-construção acontece em todos os ramos da interação social, educação, religião, artes, etc. No tocante ao mercado, por exemplo, essa possibilidade de interação mundial emaranhou a economia e o Estado, conforme afirma Corrêa (2007), age não mais em função do povo e sim das empresas. A interligação econômica é tão predominante que em momentos de crise, como o atual, a defesa econômica que alguns países tentam implementar custam a dar resultados, além das graves consequências.

A abertura das fronteiras ao comércio leva, no caso dos países subdesenvolvidos a uma competição desigual acentuando ainda mais as irregularidades sociais. O capitalismo é o motor desta circulação global, foi ele o responsável pelo desenvolvimento de toda a atual configuração mundial, ele sempre impulsionou o desenvolvimento tecnológico, à necessidade de aceleração, do que Marx determina como, reprodução do capital, as grandes navegações, a máquina a vapor, o motor a combustão, a internet, todos são reflexos deste ciclo de aceleração.

Essa conjuntura de mundialização da economia e possibilidade de conhecimento do outro cria o ideal utópico de um mundo unido nas diferenças, guiado pelo saber e democracia. Entretanto, autores como Santos (2008) e Paiva (2003) levantam uma questão importante, uma vez que, diferentemente do que se imagina a possibilidade de conhecer o mundo de casa não implica necessariamente que o conheçamos ou importemo-nos em conhecê-los. O estranhamento das diversas formas socioculturais presentes no globo guia aquela que devia ser a sociedade da aldeia global à caminho da sociedade individualista:

O ideal de aldeia global, de planetização, de interligação entre os povos, de circulação e internacionalização da informação, chegou às vias de fato, o que não significa, necessariamente, ter havido maior conscientização e efetiva participação na solução de problemas sociais. Isto quer dizer que a informação, tendo alcançado seu mais alto grau de rapidez e volume, não propiciou, como deveria supor, a experiência comum, o partilhamento do real; simulou essa vivência. (PAIVA, 2003, p. 22).

Esse paradoxo entre o apogeu da universalização e a proposta do microuniverso levam-nos a uma inquietação, a do porque custamos a compreender que as distintas realidades levam a distintos costumes e que o entendimento destas realidades pode conduzir-nos a aceitação cultural. As ferramentas da globalização, no que diz respeito à existência virtual, leva a sociedade ao conhecimento e até a vivência com o outro, mas aparentemente essa vivência é vazia e irreal, os cibersujeitos criam uma imagem diferente da real, uma versão mais feliz de si, que pode até enganar, mas que gera isolamento.

Uma outra questão também importante é levantada por Sorj (2003). A globalização entendida como totalizante, universalizante em muitos casos segrega, e uma das formas de segregação é a virtual, o apogeu da vivência no mundo ciberespacial possibilita uma interação em alta velocidade e a dependência cada vez maior deste ambiente tem como consequência o aumento da necessidade do uso de novas tecnologias. Na sociedade da informação o uso destes instrumentos é o que permite a “interação sem fronteiras” e a exclusão virtual parte da ausência destes recursos por parte da população. O que leva a questão levantada, o advento da virtualidade conduz a necessidade por tecnologia e o uso dos recursos tecnológicos,

anteriormente vistos como luxo de uma sociedade consumista, ganha o aspecto de necessidade semelhante à atribuída ao emprego, transporte, saneamento. Essa perspectiva de necessidade de igualdade civilizatória é baseada em uma globalização relacionada a criação de um espaço unificado de expectativas de igualdade.

A consideração desta segregação pode levar a ideia de que o processo de totalização está incompleto, porém conforme afirma Massey (2008), em seu livro *Pelo Espaço*, a questão não é de incompletude. A globalização ao longo de seu desenvolvimento teve diferentes motores, no período das grandes navegações pode-se citar as caravelas como instrumento propulsor do processo, a imprensa na divulgação de informações em larga escala, na revolução industrial a máquina a vapor, em seguida o avião, a telefonia, e hoje a vivência do virtual por meio da internet. E, em todos estes momentos passados a sociedade buscou adaptar-se a nova “mola”. A globalização de fato leva a uma integração global regida nos moldes capitalistas onde a sociedade adapta-se aos anseios do capital, e com este processo é o mesmo que deve ocorrer, parte da população deverá “alcançar o barco”, questão da preocupação de Sorj (2003) em *Brasil@povo.com* por meio, por exemplo, de programas de inclusão digital.

2.1.1 Criação e Popularização da Internet

Esse tópico visa a análise do desenvolvimento daquela que é a ferramenta de interconexão global. Uma vez que a internet é o fator que permite ao ciberespaço atribuição de um caráter mundializado e como esse aspecto é o que possibilita o aumento das multiplicidades dito por Massey, faz-se de fundamental importância à compreensão, mesmo que de forma resumida, da consolidação deste oceano informacional ao entendimento da dinâmica ciberespacial. Para tanto há o uso da obra de Castells (1999 e 2003) na qual o mesmo relata como se deu tal processo.

A internet teve seu esboço traçado pela Arpanet, uma rede de computadores montada na Advanced Research Projects Agency (ARPA) em setembro de 1969 nos Estados Unidos. Ela surgiu como necessidade à corrida espacial. A Arpanet permitia o compartilhamento de informações de vários centros, posteriormente delinear-se as bases da atual internet com a interligação da Arpanet com outras redes, uma rede de redes. O cunho estratégico da internet manteve-se até a década de 1990 quando a Arpanet foi desativada. O governo estadunidense passou a incentivar os fabricantes de computadores a instalarem o protocolo padrão em suas máquinas. Em pouco tempo a maioria dos computadores dos EUA podia acessar a já descentralizada internet.

Outros fatores importantes à configuração da internet atual, no ano de 1977 houve a criação de um programa de transferência de arquivos e, posteriormente, um outro meio de transmissão e armazenamento de dados, ambos para o meio público foi a criação da FIDONET baseada no uso da net por meio de linhas convencionais e a criação da rede própria da IBM.

A net habitara então o meio universitário, isso no que diz respeito à rede liberada. De acordo com Lévy (1999, p. 125):

O crescimento da comunicação baseada na informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio a tona no final dos anos 80. Os atores desse movimento exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva.

O espaço de invenção coletiva destacado por Lévy condiz a um sistema de comunicação conectado a varias redes, mas compartilhando o mesmo *backbone* (estrutura física por onde transitam os dados), configurando a forma da internet. A net foi ainda espaço de desenvolvimento de *softwares*, mas foi Beners Lu o criador de um sistema que possibilitava criar e receber informações de e para qualquer computador conectado. Em 1990 foi criada por Tim Beners Lee em parceria com Robert Cailliau a *Word Wide Web*. A partir deste ponto navegadores foram criados e aperfeiçoados até que em 1995 a Microsoft lança o *Internet Explorer*, neste momento a internet estruturou-se, muitas redes unificaram sua linguagem, a WWW já estava privatizada e podia ser acessada de qualquer parte do mundo.

Com a popularização das máquinas, dentre eles o famoso computador **Macintosh**, foi iniciada uma revolução da comunicação, diferentemente da televisão ou rádio, onde o fluxo de informação ocorre apenas em um sentido, esse ambiente de invenção coletiva possibilita uma interação de todos para todos. Para Lévy (1999, p. 114): A World Wibe Web é um tapete de sentido tecido por milhões de pessoas. A unilateralidade do sentido informacional foi transformada num emaranhado de subjetividade coletiva de grande relevância nos dias atuais.

2.1.2 Cibersujeitos: mais uma constituinte do Ciberespaço

Da mesma forma que a internet surge como constituinte do ciberespaço atribuindo-lhe caráter global, os cibersujeitos ou sujeitos virtuais também o são. Pode parecer estranho ou mesmo deslocada essa proposição, entretanto, partamos da perspectiva anteriormente colocada à justificação dessa proposição, a de que o ciberespaço é fruto, em sua totalidade da ação humana, de forma que, desde seu princípio tal intervenção é condição fundamental a sua existência, diferentemente do meio físico, entretanto, na atualidade este também tem a ação antrópica como constituinte, o posicionamento desta colocação não implica na conclusão do

tema acerca dos sujeitos virtuais, ela apenas visa à explanação das duas faces atribuídas a estes indivíduos, a de usuário de um ambiente altamente interativo e a de constituinte deste mesmo ambiente. Para tanto, este estudo toma como base uma análise feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (Cgi.br) acerca da Tecnologia da Informática e Comunicação (TIC) no Brasil e o trabalho de Pinho e Morais (2012), ambos com dados dos anos de 2008 e 2011, por este motivo utiliza-se também a definição de sujeito virtual proposta por este Cgi.br, onde considera-se como tal a pessoa que de alguma forma fez uso da internet nos três meses de referência da pesquisa².

O estudo aponta que, no Brasil, o uso dos recursos tecnológicos e consequentemente, da internet encontra-se concentrado nas classes sociais, mais elevadas, apesar de o número de usuários ter crescido, de 31% em 2009 a 41% em 2010, estamos longe de uma democratização digital, assim como afirma Milton Santos acerca da distribuição das técnicas.

No caso da escolaridade a pesquisa revela que os usuários da internet estão concentrados na parcela da população com maior nível de escolaridade, 87% das pessoas com nível superior contra apenas 9% de analfabetos e pessoas com educação infantil. Quanto à faixa etária, dos entrevistados que afirmaram ter usado a internet nos meses de referência a maioria são jovens apesar de o número de pessoas acima de 35 anos que usaram a rede ter crescido.

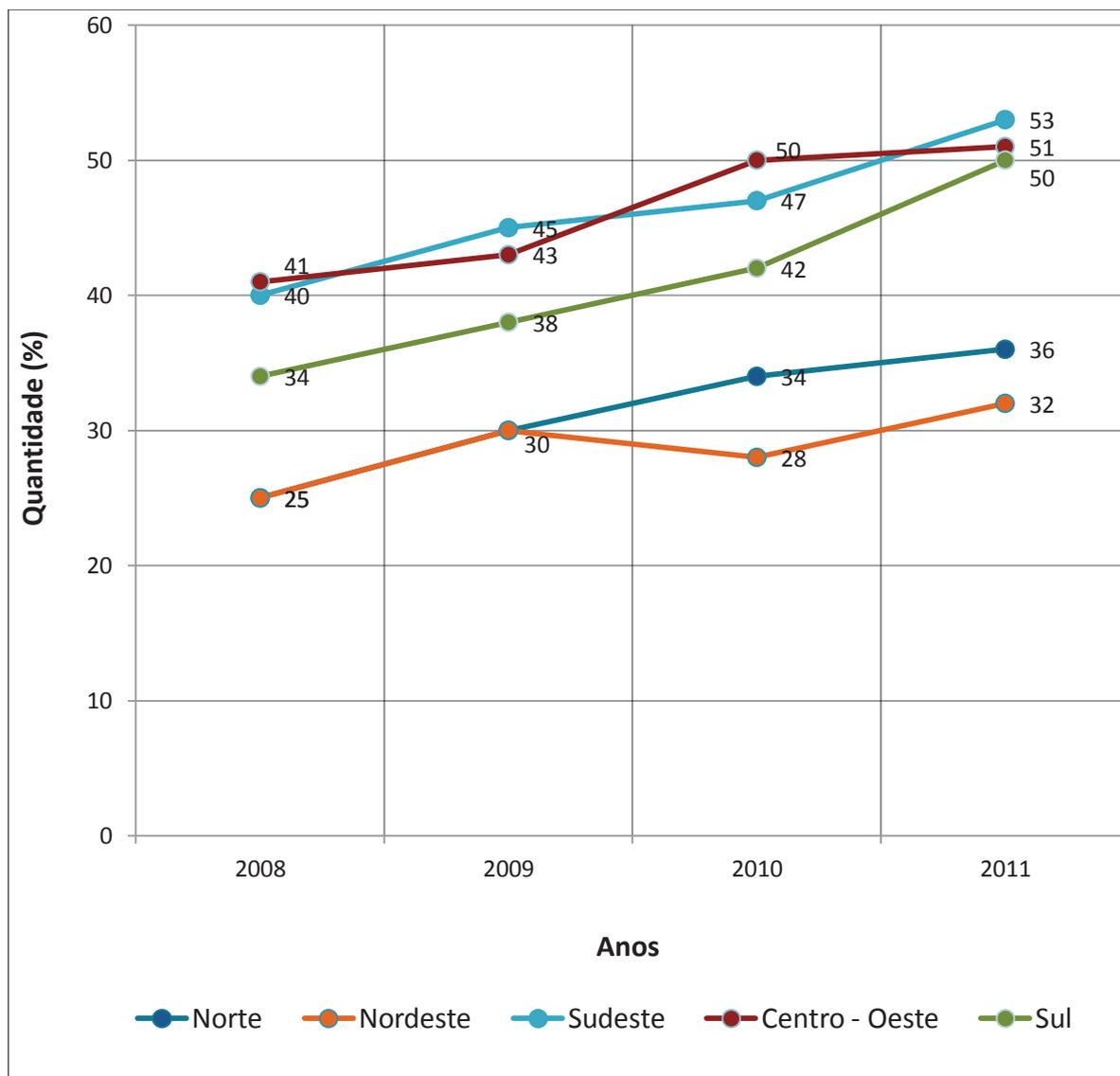
No tocante a diferenciação entre a zona rural e urbana mostra-se a disparidade de os usuários desta primeira somam apenas 16% do total de usuários.

Com relação à renda dos usuários, retrata-se uma concentração entre aqueles que recebem a partir de cinco salários mínimos, são 79% do total contra 16% que recebe até um salário mínimo.

Outra disparidade é apontada quando se leva em consideração o fator região, as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste concentram mais usuários que as regiões Norte e Nordeste (FIGURA 1). Com relação às formas de uso da internet, as redes sociais apresentam considerável relevância, uma vez que, 94% dos usuários da internet do ano de 2010 a utilizavam para comunicação, 87% para busca de informação e serviços, 87% para lazer, 66% para educação e 17% para serviços financeiros.

² A pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil foi realizada entre os meses de novembro de 2011 e janeiro de 2012.

FIGURA 1: Proporção de Usuários de Internet por Região (2008-2011)
 Percentual Sobre o Total da População por Região

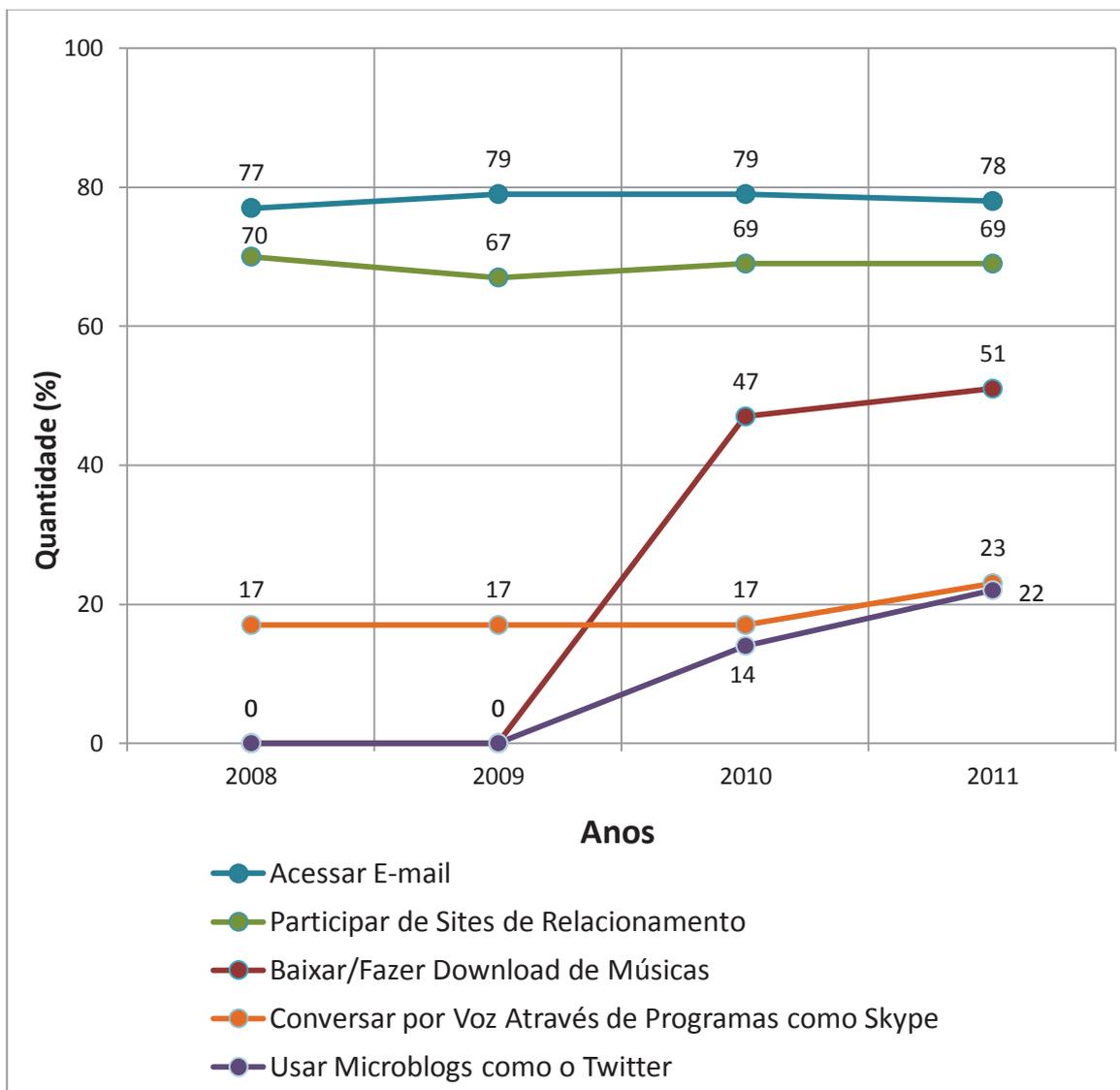


Fonte: Dados da Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2011. Disponível em: < <http://www.cetic.br/publicacoes/> >.

A Figura 2 ilustra ainda melhor essa perspectiva, uma vez que, dentre as atividades desenvolvidas na internet, a participação em sites de relacionamento manteve uma porcentagem em torno de 67% e 70% entre os anos de 2008 e 2011, atrás apenas do acesso a e-mails. No tocante às atividades referentes ao uso de microblogs como o *Twitter* e o *download* de músicas que apresentam índices zerados nos primeiros anos retratados pela pesquisa, percebe-se que tal fato é decorrente do período de criação do *Twitter*, em primeiro

caso, e no segundo diz respeito à não coleta de dados referentes ao *download* de músicas nos dois primeiros anos de realização da mesma.

FIGURA 2: Atividades de Lazer Desenvolvidas na Internet (2008-2011)
Percentual Sobre o Total de Usuários da Internet



Fonte: Dados da Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2011. Disponível em: < <http://www.cetic.br/publicacoes/> >.

O cenário que se traça a partir de tais dados é o de que, como afirmam Pinho e Moraes (2011), a difusão da tecnologia confronta-se com a realidade do mundo da globalização excludente, as classes D e E são as mais prejudicadas no que diz respeito à presença no ciberespaço repetindo-se o cenário que Lévy (1999) descreve como um ciberespaço construído por uma classe de jovens socioeconomicamente mais favorecidos, mas também percebe-se que, cada vez mais, as pessoas estão acessando a rede e por diferentes motivos.

3. CIBERESPAÇO: UMA NOVA DIMENSÃO ÀS RELAÇÕES SOCIAIS

O ciberespaço ainda é um ambiente pouco estudado, em parte, talvez por sua complexidade, mutabilidade, maleabilidade e mais uma outra série de adjetivações que ainda não seriam suficientes em sua definição, bem como, pelos processos que nele se inserem, entretanto, essas características também estão presentes no espaço físico. Ferrara (2008) relata acerca da dificuldade de conceituação dos elementos constantes nesta realidade de advento do virtual, consideração essa, que se faz relevante pelo fato de, em muitos casos, o ciberespaço ser simplesmente sinônimo de internet, contudo, a internet por si só não compõe o ciberespaço, da mesma forma que, conforme afirma Leão (2004), considerações simples não são suficientes a sua delimitação, da mesma forma que um único aspecto ou componente desta realidade também o são.

Para compreensão da temática é necessário o entendimento de que a proximidade dos lugares compreendida na esfera do virtual segue o regime ditado pelos sistemas de objetos e sistemas de ações, tal como entende Milton Santos (1997) ao definir os elementos formadores do espaço geográfico. Esses sistemas atuam hoje num meio que é técnico-científico-informacional cujo transporte de conteúdos referentes aos objetos e as ações parte de um determinado ponto para um domínio global e o ciberespaço é ator fundamental na redução, ou sensação de redução, deste distanciamento, ou como define Harvey (2010) se traduz na compressão espaço tempo.

O ciberespaço, campo no qual a novidade é sua característica principal, compreende uma nova dimensão e seu entendimento faz-se necessário diante do atual momento de desenvolvimento humano, cada vez mais dependente de tecnologia e habitantes do meio virtual, concedido como sociedade da informação. Sob um viés mais abstrato, Lévy (1999) abre o tratamento de um ciberespaço conectado em sua totalidade onde a internet é a teia entre os vários mundos subjetivos:

Se a internet constitui o grande oceano do planeta informacional, é preciso não esquecer dos muitos rios que o alimentam: redes independentes de empresas, de associações, de universidades, sem esquecer das mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão, etc.). é exatamente o conjunto dessa 'rede hidrográfica', até o menro dos BBS, que constitui o ciberespaço, e não só a internet (LÉVY, 1999, p. 126).

Esse oceano informacional citado por Lévy corresponde a fração do ciberespaço que permite interação global, mas não sua completude como é costume pensar. A internet é a malha de conexão entre os vários pontos do universo físico, dentre os aspectos do ambiente virtual ela é o que lhe confere proximidade. Entretanto, o ciberespaço não pode ser entendido

mediante apenas este aspecto, assim como explica o autor. Leão (2004. p. 9) pauta-se numa base triangular em sua concepção:

Partindo de um olhar tríplice, percebemos que o ciberespaço engloba: as redes de computadores interligadas no planeta (incluindo seus documentos programas e dados); as pessoas, grupos e instituições que participam desta interconectividade e, finalmente, o espaço (virtual, social, informacional, cultural e comunitário) que emerge das interações homens-documentos-máquinas.

Um dos pontos importantes dessa definição é a inclusão do sujeito como componente deste espaço virtual, uma vez que, fisicamente não é possível, sua presença se faz mediante uma série de possibilidades como a postagem de discursos em forma textual ou de vídeo ou por meio de avatares, representações subjetivas de sua aparência.

O ciberespaço é em sua totalidade fruto da ação humana, não houve uma primeira natureza assim como no espaço físico, a realidade deste cenário é, assim como no ambiente do palpável constantemente metamorfoseada, entretanto, este processo no ambiente virtual dota-se de uma velocidade muito maior que no meio físico. Esse fator também coloca o ciberespaço como ambiente onde as subjetividades são, de forma diferenciada, condição à construção do meio.

Em um contexto comparativo pode-se afirmar que, se a natureza em sua forma inicial foi a base do desenvolvimento humano, matriz da segunda natureza; se afirmar-se então uma primeira natureza ao ciberespaço essa seria o espaço físico já dotado de suas entidades. Ele foi a base do desenvolvimento deste meio fluido, seus processos, pelo menos no tocante a interação social, tiveram base inicial ou ponto de partida no meio palpável. Da mesma forma que, no decorrer da história da humanidade houve a adaptação do meio, por intermédio, a princípio da criação e, posteriormente do aprimoramento das técnicas, ao desenvolvimento das atividades de forma a criar uma aceleração das relações. Há agora com a continuidade dessa evolução técnica a criação de um novo meio onde as relações podem se dar com grau de interação inédito.

As subjetividades agem neste meio de uma forma variável, na construção do físico essas subjetividades transparecem de várias formas e uma delas é a organização espacial descrita por Corrêa (2007). Mesmo o espaço habitado sendo metamorfoseado, como descreve Milton Santos, existe uma demanda de tempo para que transformações nos sistemas de objetos e sistemas de ações ocorram. Mas no ciberespaço a metamorfoseação pauta-se em uma maleabilidade exclusiva a este meio, de forma que, a evolução do pensamento ou construção subjetiva pode, de maneira imediata interferir neste ambiente.

Essa maleabilidade encontra-se ligada ao desenvolvimento técnico, o ciberespaço não é um ambiente mítico, sua base técnica associa-se ao atual modo de produção que é o motor do progresso tecnológico que é a fonte dos anseios que implicam no melhoramento dessas práticas e, conseqüentemente, do ciberespaço. Dessa forma, o movimento que criou o ambiente virtual, que em primeiro momento aparenta um caráter puramente técnico mostra-se intrinsecamente relacionado ao contexto social contemporâneo. De acordo com Lévy (1999, p. 123):

Pode parecer estranho falar de ‘movimento social’ quando se trata de um fenômeno ‘técnico’. Eis, portanto, a tese que vou sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas operações coerentes.

O desenvolvimento tecnológico que possibilitou o ciberespaço é fruto do anseio social. Nas palavras de Castells (1999, p. 50) “o processo histórico em que esse desenvolvimento de forças produtivas ocorre assinala as características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais”.

Atualmente estar conectado, ou ser um cibersujeito (fica a critério), representa um status de poder e interação, a massa mais jovem da população é a mais preocupada com essa condição e representam a maioria dos cibersujeitos. Com a possibilidade de mobilidade esses indivíduos deixaram suas mesas, seu cotidiano ganhou mais interatividade e instantaneidade, entenda cotidiano por interação social.

No âmago do cotidiano, agora cotidiano real, e não como interação social, isso implica no aumento do retorno das relações ciberespaciais com o meio físico e no aumento da intensidade desse retorno.

3.1 As Relações Sociais no Ciberespaço

O ser humano, no decorrer de sua história, interage tanto com o meio a sua volta como com os habitantes, humanos ou não, deste meio. Com o passar do tempo a conexão com culturas diferentes passou a ser possível e, posteriormente, indispensável ao modo de vida adotado.

O decorrer do tempo histórico também exigiu do homem, cada vez mais dependência tecnológica. A princípio a fala, que não implica em tecnologia, permitiu interação humana, no sentido de comunicação clara entre os membros dos pequenos grupos existentes, em seguida as formas de escrita, em grupos maiores já exigiram certo aparato e possibilitou a disseminação da informação em uma escala maior que no primeiro momento, mesmo estando

enclausurada a uma parcela reduzida da população. Quando nos remontamos à Idade Média podemos citar a tração animal como motor de um novo momento da interação social, uma vez que, por meio desta era que se dava a comunicação entre as ilhas populacionais, da mesma forma que a fala e a escrita também representaram esse papel nos primórdios da interação humana. Isso não significa que não mais representem um função crucial no cotidiano, o que ocorre é uma evolução no meio onde se dão.

O telégrafo e o telefone também foram agentes ampliadores da escala de alcance e intensidade da interação social. E, atualmente, o ciberespaço é o motor de novo aumento dessa escala.

O que se busca evidenciar com esse resgate é a evolução através da qual a interação social alcança, nos dias atuais à escala global. No que se refere ao intercâmbio informacional que permeia as relações sociais desde o princípio há, atualmente, a sucessão de um momento onde a instantaneidade é fato, e fato que faz diferença, não pela simples instantaneidade, mas pela abrangência atingida por esta. O advento da telefonia foi o primeiro a, de fato, implementar tal aspecto, porém em escala de um para um, enquanto que outras formas de comunicação davam-se no sentido um para todos (LÉVY 1999). Atualmente o intercâmbio informacional abrange a escala todos para todos (LÉVY *op cit*), todos não no sentido de totalidade humana, mas a totalidade dos cibersujeitos, fato comum devido a diferenciação na qual se dá a compartimentação técnica.

Essa abrangência interacional abre um campo onde as relações se dão de forma muito mais intensa, uma vez que, o mesmo ambiente carrega à disposição uma grandiosa carga de subjetividades. O ciberespaço é o meio no qual as relações sociais possuem uma gama de variantes nunca vista ou vivida em outro momento e esse é seu diferenciador e causador do momento de hibridismo cultural atual.

3.2 Noção de “Mundo Sem Lei”

A internet, apesar da pouca idade, alcança atualmente proporções planetárias, Cecconi (2012) baseia-se em dados da *WorldWideWebSize.com* ao afirmar a existência de 8,4 bilhões de páginas, entretanto, esse mesmo autor afirma que o índice do Google gira em torno de 50 bilhões destas, um mar de informação, a biblioteca de Alexandria do mundo atual. No entanto, a questão aqui não é a de dimensionar a internet, mas de trazer a noção de seus aspectos a uma questão, a de porque ao ciberespaço atribui-se uma ótica de impunidade com relação aos atos nele praticados. Essa questão, por sua vez, parte da densidade de

pensamentos, encontrados no meio virtual, que no meio físico são suprimidos, e porque não dizer, repudiados.

A WWW, como afirmado anteriormente, não representa a totalidade ciberespacial, porém é quando os atos praticados no ambiente virtual caem no domínio público da net que as ações de resposta ganham dimensões, às vezes assombrosas.

Um dos pontos que se pode colocar como prejudicado na rede refere-se aos direitos autorais do que é, de alguma forma, publicado na internet. Com relação a essa questão, Souza (2012) trata de dois extremos, a de quem produz o que é publicado e que se vê prejudicado, tanto pelo uso indiscriminado não referenciado de suas ideias como financeiramente pela gratuidade da informação da rede. No outro extremo, a parcela que coloca a liberdade de expressão e o ideal de democratização do conhecimento como justificativa ao uso de ideias alheias.

Outro ponto que interfere nesta visão de impunidade refere-se ao campo de estudo deste trabalho, a postagem de depoimentos que inferiorizam, ou excluem de alguma maneira uma pessoa ou grupo de pessoas, como é o caso das estereotipações depreciativas de nordestinos ou de sua cultura (FIGURA 3). Validos do mesmo ideal de liberdade de expressão e da facilidade de ocultação da identidade, grupos de cibersujeitos utilizam-se da rede para depreciar a cultura nordestina.

Com relação a estas degradações as entidades governamentais tem implementado algumas ações, entretanto, muito ainda falta à amenização destas questões. Em parte tal fato é compreensível quando nos remetemos a, anteriormente retratada, dimensão que a rede alcança nos dias atuais, mas a manutenção desse aspecto de “mundo sem lei” pode gerar consequências ao arranjo social.

FIGURA 3: Depoimento Postado na Rede Social *Twitter*



Fonte: Rede Social *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/#!/caloriaru>>. Acesso em 30 mar. 2012.

No Brasil existem projetos de lei que visam regulamentar o uso de conteúdos postados na internet, o Marco Civil da Internet é um exemplo de controle autoral na rede. No tocante a depredação cultural, moral, intelectual atualmente entendidos como *bullying* no âmbito físico e *ciberbullying* no virtual já existem delegacias especializadas nos crimes da internet e alguns casos ganharam repercussão midiática, como aconteceu com a estagiária de Direito Mayara Petruso que foi condenada por postar frases ofensivas na rede social Twitter no ano de 2010 (ANEXO A) e com a estudante Sophia Fernandes que foi indiciada pela Ordem dos Advogados do Brasil no Ceará (OAB-CE) no ano de 2011 (ANEXO B). Entretanto, a investigação de muitos casos de crime na rede é prejudicada pela facilidade de criação de perfis falsos.

Apesar do que foi visto, o que se visa com essas afirmações não é o reforço do caráter de impunidade do espaço virtual, mas a confirmação de sua funcionalidade dupla, o meio de construção da sociedade democrática e o meio ainda facilitador de ações criminosas.

3.3 A Interação entre Espaço Físico e Virtual

O ciberespaço permite a interação de um para todos, essa característica influencia na repercussão do meio virtual sobre o físico. Tomemos o seguinte pensamento, os cibersujeitos não são apenas “ciber”, eles, obrigatoriamente atuam no ambiente físico, transportam para o virtual seus anseios e estes, em alguns casos, voltam ao meio físico como interferência.

É cada vez maior a preocupação acerca do uso do espaço virtual como ferramenta de mobilização social. Os cibersujeitos utilizam-se deste ambiente como ponto de organização e execução de mobilizações. A exemplo das manifestações pela quebra da ditadura no Egito, os manifestantes levavam seus anseios na sua atuação como cibersujeitos, a percepção deste fato pelas então forças governamentais levou ao corte da conexão, neste momento as manifestações presentes no virtual ganharam as ruas, a desconexão geral foi a chave para a decisão de um grande número de pessoas (SOUZA, 2012). As aspirações do mundo físico foram rapidamente ao virtual, onde ganharam repercussão mundial e forma, retornando posteriormente como interferência no primeiro ambiente.

Não só na Primavera Árabe, mas outros movimentos são organizados por intermédio do ciberespaço, o *Occupy Wall Street* é mais um exemplo.

Esses fatos não são a única forma de interferência, mas são os que mais chamam atenção, além de refletirem o aumento da interação social que subjuga o tempo, mesmo o espaço não tendo alcançado a total democratização.

Em linhas gerais essas colocações são uma resposta à globalização enquanto fábula tratada por Milton Santos. O ciberespaço é consequência da globalização e assim como esta o ciberespaço esta longe da totalidade, todavia sua influência no cotidiano é, cada vez mais, reconhecida e utilizada.

Assim como Milton Santos elenca possibilidades à globalização, o espaço virtual também as tem, como ambiente de interação, organização e desenvolvimento social apresenta a possibilidade de realização da sociedade da informação, porém ainda serve, pelo menos no tocante à realidade brasileira, a uma classe elitizada. E no que se liga a sua interferência no real, está obrigatoriamente arraigado às subjetividades de cada grupo de identidades. Além de que, da mesma forma que qualquer ferramenta, sua representatividade no cenário social depende da forma como é usada.

4. NAÇÃO REGIONAL E QUESTÕES IDENTITÁRIAS

No título deste capítulo aparece a expressão “Nação Regional”, este refere-se à exclusividade que condiz a cada lugar e a ineficiência da identidade regional em exercer a união na diferença. Uma região possui um conjunto de particularidades que a diferenciam de outra, essas diferenças condizem não apenas a aspectos físicos, mas também culturais, como já foi dito no início deste estudo, cada cultura, ou práticas culturais, deram-se e ainda se dão em realidades distintas. Essa exclusividade cria um vínculo afetivo e de identificação do indivíduo com o meio. Tal identificação é o fator de existência do termo “Nação Regional”.

O ideário de identidade nacional enfatiza um conjunto de práticas e construções culturais de caráter mutável que pertencem, ou estão inseridas, em uma determinada nação que é, por sua vez, também uma construção cultural, de acordo com Ortiz (2006, p. 137):

Memória nacional e identidade nacional são construções de segunda ordem que dissolvem a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico. A essência da brasilidade que buscava Corbisier é uma construção, e como tal não pode ser encontrada como realidade primeira da vida social. A memória nacional opera uma transformação simbólica da realidade social, por isso não pode coincidir com a memória particular dos grupos populares o discurso nacional pressupõe necessariamente valores populares e nacionais concretos, mas para integra-los em uma totalidade mais ampla.

Entretanto, esta refere-se ao sentido de pertencimento, orgulho a um conjunto (ou conjuntos) de lugares, pessoas e práticas. De acordo com Hall (2006, p.49):

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa época pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de ‘teto político’ do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas.

Este autor complementa que a formação de uma cultura nacional contribui com alguns aspectos da vida moderna, padrões de alfabetização e de linguagem, por exemplo, são sinônimos de homogeneização cultural que imagina-se quando se trata do ideal de nação. No entanto, esse mesmo Hall (2006) atenta à ideia de que uma nação não é composta apenas de um único “padrão cultural”, mas coloca-a como contribuinte que “costura” a diferença em uma única identidade.

Tendo em vista a heterogeneidade cultural como constituinte da identidade nacional, abre-se uma nova questão. A identidade estática assim, como afirma Hall (2006), está na

realidade pós-moderna sendo transformada. O indivíduo passa a ser um conjunto de identidades, o brasileiro, o nordestino, o esportista, etc. E essas identidades também não estão concluídas ou são imutáveis, o jogo de influência do meio muda continuamente o sujeito continuamente.

Isso implica que a identidade nacional não é a única componente do brasileiro, somos um conjunto de identificações que nos tornam diferentes e, mesmo a realidade do ambiente físico, sendo forte atuante na construção identitária, o meio virtual permite, a participação do indivíduo em grupos distantes de sua realidade física, assim como afirma Paiva (2003) acerca da interação com grupos de diferentes partes do mundo³. Dessa forma, a construção identitária independe da proximidade física com grupos de pessoas e comunidades e esta condição é fruto da vivência ciberespacial.

4.1 Desconstruindo a Base Física do Conceito de Território

A base tradicional do conceito de território está intimamente ligada ao espaço físico (Haesbaert, 2007), porém assim como ocorre o desenvolvimento de novas práticas há também a evolução dos conceitos de análises destas práticas. Santos e Silveira (2008) fazem um levantamento acerca da dinâmica do território nacional remetendo-o à sua base no espaço físico. Inclusive no tocante as redes percebe-se uma intrínseca relação entre o tema e o meio palpável, no entanto, Santos (2008) já assume um caráter abstrato às redes, mas a discussão aqui não é esta.

Este texto parte do conceito de território ao desenvolvimento da teoria de que, propiciado pelas redes de comunicação, o ciberespaço possui, em sua imaterialidade os componentes de configurações territoriais ou ciberterritorialidades. Para tanto, parte-se do afirmado por Hasbaert em alguns momentos, em primeiro lugar acerca do conceito de território, e em seguida acerca de algumas questões também de cunho territorial.

O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder. Esse sentido relacional de território também está presente na abordagem mais materialista de Maurice Godelier. Para ele, ‘ as formas de propriedade são ao mesmo tempo uma relação com a natureza e uma relação entre os homens’, sendo esta última ‘dupla: uma relação entre as sociedades ao mesmo tempo que uma relação no interior de cada sociedade entre os indivíduos e grupos que a compõem (HAESBAERT, 2007, p. 54).

³ Os grupos de indivíduos analisados por Paiva (2003) em seu estudo são, por ela, denominados como comunidades.

Partindo desse pressuposto do território enquanto produção da cultura humana e como caráter relacional de sociedade com sociedade ou relações internas a estas podemos observar a independência do território do meio físico, não que ela seja ultrapassada ou subjugada, mas como será debatido o território está também presente no espaço virtual.

Alguns autores acreditam na queda do território em função das redes, conforme afirma Haesbaert (2009), entretanto, outros acreditam que a rede pode ser um componente do território, fortalecendo-o ou como integrante da desterritorialização (Haesbaert, 2007). Neste caso interpreta-se a rede como ciberespaço, uma vez que, a existência da rede mundial de computadores é quem possibilita e compõe a interação espaço virtual. Dessa forma, há o que Haesbaert (*op cit*) denomina *des-re-territorialização* e que pode ser associado ao que Massey (2008) classifica como aumento das espacialidades. Onde o que ocorre é o aumento da complexidade atribuída ao espaço e, conseqüente ao território, e porque não a outros conceitos, aumento esse provocado por sua atuação nessa nova dinâmica que é ciberespacial.

Tomando como base as comunidades virtuais presentes nas redes sociais percebe-se claramente a relação de poder e identificação descrita na atuação do território. As “comunidades” são criadas a fim de atrair um determinado grupo que se identificam com esse ambiente e, conseqüentemente, segregar os não simpatizantes a partir dos intentos ou características adotadas. Sendo assim, essas comunidades podem ser interpretadas como ambientes onde há, tanto relações de domínio, como de identificação, ou seja, uma forma de territorialidade que pode, ou não, estar associada ao meio físico.

Uma comunidade virtual agrupa cibersujeitos de uma determinada identificação e algumas delas solicitam a aprovação do criador para a inclusão de um membro. No tocante à sua relação com o meio físico, há ciberterritórios voltados ao ambiente palpável como, por exemplo, é o caso de comunidades que reúnem grupos de uma determinada região do país. A *Fan Page* “Nação Nordestina”, da rede social *Facebook*, é uma delas. E no que se refere a não relação com o meio físico pode-se entender as comunidades voltadas a temas do ciberespaço ou das próprias redes sociais, assim como nas comunidades, os próprios perfis das redes sociais apresentam características territoriais onde o domínio é executado pelo dono do perfil.

Os ciberterritórios, dessa forma, possuem também uma delimitação definida a partir do ponto de que uma comunidade, por exemplo, possui uma interface ou ambiente que delimita a entrada ou saída deste território, assim como as demais páginas ou interfaces que compõem o ciberespaço. Os ciberterritórios são, dessa maneira, ambientes delimitados, não

físicos, e que assim como no território físico, possuem relações de identificação e poder, de forma que o território não se perde nessa dinâmica, ele, assim como em outros aspectos da realidade, torna-se fluido.

4.2 Os Regionalismos e as Figuras Identitárias

A vivência humana no espaço implica na existência de relações afetivas ou de identificação com o meio. Esta parte do estudo visa a compreensão de que a sociedade, com o decorrer de sua interação com o espaço desenvolve vínculos de identificação, tanto com esse espaço, como com determinadas figuras do cotidiano ou da cultura na qual está inserido. De acordo com PAIVA (2003, p. 76), “De fato, o homem, como tantos outros animais, desenvolve ‘instintos territoriais’ e carrega de afetividade o espaço que ocupa e se identifica com ele”.

No decorrer da sua interação, com o meio e com outros indivíduos, o homem criou diversas formas, ou práticas, culturais oriundas de distintas realidades, obviamente formas diferentes de identificação passaram a existir. A diferença que se coloca aqui não se refere à subjetividade de cada indivíduo, mas nas formas como essa significação se apresenta, nos significados atribuídos a cada espaço ou figura e na variação que um mesmo espaço, figura ou objeto podem ter sob as distintas regiões do globo.

A respeito dessa identificação com o meio Haesbaert (2009, p. 149) afirma que:

Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda referência ao “real”, podemos associar essas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material. É o que autores como Poche (1983) denominam “espaços de referência identitária”, a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que, de qualquer forma, emana uma apropriação estética específica capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial.

Como exemplo destes espaços de referência identitária podemos remeter à clássica cena do por do sol do Sertão Nordestino em seu vermelho vívido parcialmente encoberto pela estampa da vegetação retorcida e desfolhada pela seca. Essa descrição apresenta-se quase que poética e, apesar da simplicidade de detalhes é capaz de remeter o sertanejo nordestino à lembranças de sua vida cotidiana, à uma série de significações. Outro exemplo pode ser citado trazendo o “espaço” a um sentido mais localizado. Às margens do lado leste do Açude Velho

na cidade de Campina Grande-PB localiza-se um monumento, três estátuas que representam os Tropeiros da Borborema, figuras importantes da constituição da cidade. Entretanto, um turista que não reconhece a importância da figura do tropeiro à cidade pode admirar apenas a estética da obra, enquanto que, para o campinense a obra possui uma significação que ultrapassa seu aspecto físico. Da mesma forma, poder-se-ia citar uma série de exemplos semelhantes espalhados pelo globo.

Mais adiante Haesbaert (2009, p. 149) complementa:

Assim se formam ou se forjam identidades locais, regionais, nacionais etc. fortalecidas não apenas pelos “territórios de naturalidade”, em seu sentido concreto, mas também por territórios simbólicos, como a Campanha Gaúcha (e mais especificamente, a estância ou o latifúndio de pecuária extensiva) para a formação da identidade gaúcha, e o Sertão nordestino para a identidade nordestina (pelo menos no decorrer deste século, quando suplantou a “Zona da Mata” e a vida do engenho). Imaginem quantos estereótipos estas identidades regionais não difundem e quantos deles se encontram em nossas cabeças, ainda que não tenhamos plena consciência disso.

Sob essa perspectiva pode-se destacar ainda o seguinte: com relação a diferenciação de significações que uma mesma figura pode carregar voltemos a primeira imagem descrita neste texto, a da paisagem do por do sol nordestino. Ela pode representar tanto a perseverança de um povo em função das adversidades climáticas, ou a representação de uma paisagem seca e sem vida onde um povo tecnologicamente despreparado subexiste.

Esse é comumente percebido no campo de estudo deste trabalho, as comunidades virtuais, nelas é notável em muitos momentos a estereotipação da Região Nordeste do Brasil com o quadro acima descrito sendo fator de conflito nas redes sociais como veremos adiante.

4.2.1 Os Ciberterritórios como Palco aos Conflitos Regionais

O ciberespaço por meio das redes sociais permitem a interação de pessoas de diversas partes do mundo e de diversas culturas. Conforme afirma Dias (2008, p. 150) a respeito de características das redes de telecomunicações, mas que também apresentam-se nas redes de comunicação virtual: “As qualidades de instantaneidade e simultaneidade das quais são dotadas as redes de telecomunicações deram livre curso a todo um jogo de novas interações”. Essas interações incluem conflitos de várias formas.

As comunidades virtuais são, como já foi dito, territórios no ciberespaço, colocados neste estudo como ciberterritórios, o que implica num jogo de dominação, poder e identificação. De acordo com Lévy (1999) raramente o cotidiano de uma comunidade virtual ocorre sem conflitos, assim como no meio físico, regras são impostas, mas para que haja uma melhor entendimento acerca de como as comunidades virtuais tornam-se palco à conflitos dos

mais diversos é necessária a compreensão acerca da comunidade virtual, para tanto, parte-se dos pensamentos de Lévy (1999) e Paiva (2003).

Para Lévy (1999, p. 127):

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Essa independência da proximidade geográfica descrita pelo autor acima citado deve ser entendida do ponto de vista da participação na comunidade, ou seja, na possibilidade que indivíduos espalhados pelo espaço físico possam participar numa mesma comunidade sem a necessidade de interação física, como um pernambucano que mora no exterior há muitos anos e participa de uma comunidade intitulada “Pernambucano com Orgulho”. Mesmo não havendo a obrigatoriedade de todos os membros da mesma estarem em “Pernambuco” a maioria destes habitam no estado, mas nem por isso o sujeito da situação acima descrita deixa de ser membro efetivo desta comunidade.

Há a dependência, quando há a ocorrência, por exemplo, de comunidades que possuem como base de interesse, regiões geográficas, tanto em defesa, orgulho das identidades socioculturais presentes em cada área, como em inferiorização das identidades de outras regiões. Pode-se citar a mesma comunidade fictícia do exemplo anterior a “Pernambucano com Orgulho” tem como base de identificação a naturalidade pernambucana, ou seja, uma condição geográfica.

A respeito da proximidade geográfica Paiva (2003, p. 55) afirma que:

A revisão conceitual comporta a afirmação de existência de comunidade na sociedade atual. Não com as mesmas características que a definiam, principalmente quanto ao pressuposto de que os indivíduos devam estar no mesmo *território*, partilhando o mesmo espaço físico. Tenta-se inclusive avaliar se os indivíduos distantes podem estar em relação de interdependência afetiva e ética e constituírem uma comunidade. Por esse motivo, é preciso considerar a existência de variações comunitárias na ordem da estrutura social hegemônica.

O que há então é a possibilidade de participação neste ambiente carregado de interesses e identificações sem fisicamente haver a convivência com o mesmo, porém como também já foi afirmado, toda a gama de possibilidades de interação não implica no efetivo conhecimento do outro, talvez por isso relações de interesse coletivo ganhem tanta força no meio virtual.

Durante a execução deste estudo a análise do campo ciberespacial mostrou uma ampla densidade de práticas de inferiorização da cultura nordestina. Outro fato que foi considerado é a gama de “motivações” que leva a tais práticas. A figura 4 retrata um ciberterritório voltado para pessoas que tem como ponto de identificação coletiva o “ódio” pelo regionalismo nordestino evidenciado sob a forma de sotaque. Esta comunidade está presente na rede social *Orkut* e, apesar de a identificação da mesma apresentar-se como não preconceituosa o que se percebe é a constituição de uma territorialidade voltada à recusa de um regionalismo característico da Região Nordeste do Brasil. Essa, assim como as demais comunidades, parte dos pressupostos propostos anteriormente, dominação, poder e identificação e tem como motivação a aversão ao sotaque nordestino. Outras motivações surgem nos variados momentos (os Anexos A e B retratam essa diversidade), no primeiro caso a eleição da presidente Dilma Rousseff foi atribuída, pela administradora de uma rede social, aos votos dos nordestinos e o segundo baseia-se em estereótipos de inferiorização e aversão ao povo da Região Nordeste.

Figura 4: Comunidade Virtual da Rede Social *Orkut*.

The screenshot shows the Orkut website interface. At the top, there is a navigation bar with links like '+Você', 'Pesquisar', 'Mapas', 'Notícias', 'Shopping', 'Orkut', 'Tradutor', 'E-mail', and 'Mais'. The user's name 'rayfealves@hotmail.com' and 'configurações | sair' are visible. Below the navigation bar, there are tabs for 'início', 'perfil', 'scrap', and 'comunidades'. A search bar is located on the right side.

The main content area features a community profile for 'NÃO SUPORTO SOTAQUE NORDESTINO'. It includes a profile picture of a man in a white cap and a green shirt. The community description states: 'Essa comunidade não tem o Objetivo de ofender nem insultar ninguém, é apenas uma forma de expressar nossas opiniões sobre assuntos, no caso, sobre um sotaque qualquer... não será aceito nenhum tipo de xenofobia ou racismo. Para os outros que nos criticam, eu vos digo preconceito é um conceito prévio feito sem conhecimento, sou filho de nordestino e posso falar que odeio esse sotaque. Numa boa, só a opinião. NÃO SOMOS NAZISTAS NEM NADA, SOMOS BRASILEIROS (PAULISTAS)'. The community is categorized as 'Culturas e Comunidade', is public, and has 28 members.

On the right side, there is a section for 'comunidades relacionadas' with several community cards, including 'Paulistas (24194)', 'Separatism agora - São Paulo (386)', 'EU SOU PAULISTA! (com orgulho) (26270)', 'República Paulista (721)', and 'País: São Paulo (413)'.

At the bottom of the page, there is a footer with links for 'acesse orkut.com', 'sobre o orkut', 'blog', 'desenvolvedores', 'central de segurança', 'privacidade', 'termos de uso', 'anunciar', and 'ajuda desenvolvido por Google'.

Fonte: Rede Social *Orkut*. Disponível em: WWW.orkut.com.br/Main#Community?cmm=106148545. Acesso em 30 mar. 2012.

Outro ponto que se deve salientar refere-se a diferenciação entre ciberterritórios e as demais práticas presentes no meio ciberespacial. Os ciberterritórios estão ligados a um espaço (que diferentemente do território, apresenta caráter virtual) enquanto território, esses

ambientes virtuais voltam-se à noção de identificação, dominação e poder, além de possuírem limites definidos, do ponto de vista de sua interface, e indefinidos, no que se refere à sua abrangência, ou melhor, atuação sobre o meio físico. Essa atuação, por sua vez, corresponde tanto ao poder de influência do ciberespaço sobre o meio palpável como à condição de mobilidade também característica do espaço virtual. Já as práticas ciberespaciais dizem respeito às formas de atuação das quais se valem os ciberindivíduos, postagens de depoimentos (Figuras 5 e 6), vídeos, vivência no meio virtual por meio de avatares, todas as possibilidades que o desenvolvimento tecnológico proporciona.

Figura 5: Depoimento na Rede Social *Twitter*.



The image shows a screenshot of a Twitter profile for Rodrigo Staats (@_diis). The profile picture is a yellow and black radiation symbol. The tweets are listed chronologically from top to bottom. The tweet from 28 Mar with the text "puta que merda, nordestino é tudo fdp (@ysadora_almeida live on twitcam.livestream.com/99j3y)" is highlighted with a red border. Other tweets include hashtags like #RestartForaDoBrasilParaNossaAlegria, #ParaNossaAlegriaRestartForaDoPlaneta, and #AGalinhaPintadinhaHumilhaManuGavassi, as well as mentions of "Sinopse Meninas Malvadas 2" and "Happy Birthday Lady Gaga".

Fonte: Rede Social *Twitter*. Disponível em: <https://twitter.com/#!/_diis>. Acesso em 29 mar. 2012.

Figura 6: Depoimento na Rede Social *Facebook*.



Fonte: Rede Social *Facebook*. Disponível em: <WWW.facebook.com/profile.php?id=100000?59055054>. Acesso em 02 jun. 2012.

As Figura 5 e 6 ilustram uma das práticas que compõem o ciberespaço, a postagem de depoimentos, assim como a Figura 4, as Figuras 5 e 6 remontam à inferiorização dos habitantes e das características da Região Nordeste do país, mas diferentemente do primeiro caso, estes não representam ciberterritórios, não há relação de poder definido nestas cenas. O que ocorre é a fotografia de uma ação ocorrida no ciberespaço, a interação com essa ação independe da entrada em um ambiente de dominado por um administrador, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES

Colocar este texto como “conclusão” ou “considerações finais” seria um equívoco, não que este estudo não tenha levado a considerações significativas a respeito da dinâmica ciberespacial. Entretanto, à geografia esse campo parece ainda tão inexplorado que o tom de finalidade ao qual os termos supracitados remetem tornam-se inapropriados a este caso.

A dinâmica ciberespacial, caracterizada pela simultaneidade, instantaneidade e, com o advento dos novos aparatos tecnológicos, mobilidade, aparece como campo à novas formas de interações (Paiva, 2003). À geografia cabe então debruçar-se sobre essas formas e sua atuação sobre o meio sem aversão à farsa de eliminação do espaço (Massey, 2009), uma vez que, o

que apresenta-se é sua ampliação por meio da atribuição de um caráter fluido onde as relações sociais ganham novo contexto.

As ciberterritorialidades são, como todo ciberespaço, em sua totalidade, fruto da ação humana, ou seja, a ação humana constitui-o inteiramente, sem a existência de uma primeira natureza. Dessa forma, as relações previamente compostas no meio palpável, transmitem-se ao ciberespaço como base às novas formas de interação sobscritas. Assim considera-se que os ciberterritórios tem como base às formas de dominação, poder e identificação constantes no território físico e, apesar da ausência física, possuem um ambiente delimitado que se refere as interfaces onde se dão as práticas ciberespaciais.

No tocante as territorialidades virtuais voltadas a estereotipações e inferiorização da cultura e regionalismos nordestinos o que se pode relevar é que, da forma como no espaço físico, existe no meio virtual territórios e práticas voltadas à exclusão de grupos. O simples fato de uma comunidade atrair um grupo de indivíduos por meio de uma identificação em comum traz como consequência a ideia de que um outro grupo, por não compartilhar desta mesma identidade, não é atraído pela mesma ou é repellido por seus membros. Entretanto, o caráter fluido desse meio virtual confere maior repercussão aos atos nele praticados, tanto devido a participação mutua e heterogênea, como pela sensação de liberdade relacionada ao ciberespaço. Com relação a essa sensação é notável ainda um esforço das instituições sociais na implementação do controle social neste meio, na forma de leis, como o Marco Civil da Internet, por exemplo, e de forma mais direta, como a desconexão forçada ocorrida durante a Primavera Árabe.

Esse esforço pelo caráter do “não finalizado” que se pretende atribuir a este trabalho surge, em parte, dessa perspectiva de que o ciberespaço ainda possui aspecto de exclusividade e uma feição de constante e acelerada metamorfose atribuída ao espaço virtual. Dessa forma, a realização de novos estudos, bem como, sua análise e reflexão é que pode levar a uma visão mais realista do meio ciberespacial, mas talvez, nem assim conclusivas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em Cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo. jun/ago. 2010. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n86/11.pdf>. Acesso em: 19 set. 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia: **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2008 (Ensaio Latino-americanos, volume 1).

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v1).

_____. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. De A. Borges. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. **Questões Atuais da Reorganização do Território**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CECONNI, Carlinhos. A Web Semântica e Nossos Hábitos de Navegação *In: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011 / [coordenação executiva e editorial, Alexandre F. Barbosa; tradução /translation Karen Brito Sexton (org.)]*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. p 53-61. Disponível em:< <http://www.cetic.br/publicacoes/>>. Acesso em: 13 set. 2012.

COSTA, Antonio Albuquerque da. **A Cidade em Fragmentos: uma análise das metamorfoses espaciais em Campina Grande-PB no 1990 a 2010**. 2010. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia: conceitos e temas*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

DURANT, Will. **História da Civilização**. Tradução de Monteiro Lobato. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. [Série 3º, Volume 28-B].

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Ciberespaço: conceito à procura de um nome. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 37. dez. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4796/3600>. Acesso em: 19 set. 2012.

GIL, I. C. MORANDI, S. **Tecnologia e Ambiente**. São Paulo: Copidart, 2000.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia: conceitos e temas*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Territórios Alternativos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Concepções de Território para Entender a Desterritorialização *In*: SANTOS, Milton *et all*. **Território, Territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Mraia Stela Gonçalves. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LEÃO, Lucia (org). **Derivas**: cartografias do Ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2011 / [coordenação executiva e editorial, Alexandre F. Barbosa ; tradução /translation Karen Brito Sexton (org.)]. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

PINHO, José Antonio Gomes de; MORAIS, Kátia. O Usuário de Internet no Brasil: a predominância da busca de serviços frente ao uso do potencial democrático da rede *In*: **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011 / [coordenação executiva e editorial, Alexandre F. Barbosa; tradução /translation Karen Brito Sexton (org.)]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. p 73-79. Disponível em:< <http://www.cetic.br/publicacoes/>>. Acesso em: 13 set. 2012.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55>>. Acesso em: 19 set. 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo; razão e emoção. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Por uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____.SILVEIRA, Laura María. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SOUZA, Carlos Afonso Pereira de. Direitos Autorais e Regulação da Internet *In*: **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011 / [coordenação executiva e editorial, Alexandre F. Barbosa; tradução /translation Karen Brito Sexton (org.)]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. p 63-67. Disponível em:< <http://www.cetic.br/publicacoes/>>. Acesso em: 13 set. 2012.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Geografia**: conceitos e temas. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ANEXOS

ANEXO A:

The screenshot shows the Vermelho Portal website interface. At the top, there are logos for 'VERMELHO PORTAL' and 'CEBRA PAZ'. A navigation bar includes links for 'INICIAL', 'ESTADOS', 'BRASIL', 'MÍDIA', 'MUNDO', 'AMÉRICA LATINA', 'CULTURA', 'GERAL', 'MOVIMENTOS', 'ECONOMIA', 'TV VERMELHO', and 'RÁDIO'. The main content area features a news article titled 'Justiça condena Mayara Petruso por preconceito contra nordestinos'. The article text states that a law student, Mayara Petruso, was convicted for posting prejudiced messages on Twitter in 2010. A screenshot of her Twitter profile is included, showing a tweet with the text: 'Mayara Petruso AFUNDA BRASIL. Deem direito de voto pros nordestinos e afundem o pais de quem trabalhava pra sustentar os vagabundos que fazem filho pra ganhar o bolsa 171.' The article continues with a paragraph explaining the context of the conviction and another paragraph detailing the student's defense. On the right side, there are sections for 'RELACIONADA A:' and 'ÚLTIMAS:'. The 'RELACIONADA A:' section lists related news items, and the 'ÚLTIMAS:' section lists the most recent news items.

BRASIL

16 DE MAIO DE 2012 - 18H40

Justiça condena Mayara Petruso por preconceito contra nordestinos

A estudante de direito Mayara Petruso foi condenada nesta quarta-feira (16) por postar mensagens preconceituosas contra nordestinos no Twitter na época das eleições de 2010. A juíza estabeleceu que ela ficasse presa por um ano, 5 meses e 15 dias, no entanto, a pena foi convertida em prestação de serviço comunitário e pagamento de multa.

Mayara Petruso AFUNDA BRASIL. Deem direito de voto pros nordestinos e afundem o pais de quem trabalhava pra sustentar os vagabundos que fazem filho pra ganhar o bolsa 171.

Mayara Petruso AFUNDA BRASIL. Deem direito de voto pros nordestinos e afundem o pais de quem trabalhava pra sustentar os vagabundos que fazem filho pra ganhar o bolsa 171.

Após a vitória de Dilma Rousseff no pleito realizado em 2010, a jovem postou "Nordestino [sic] não é gente. Faça um favor a SP: mate um nordestino afogado". Segundo a Vara Federal Criminal em São Paulo, a acusada confessou ter publicado as mensagens e que o verdadeiro motivo do conteúdo foi o resultado das eleições da presidente Dilma, que teve grande votação na região nordeste do país.

Apesar de toda repercussão, ela disse à Justiça que não tinha intenção de ofender ninguém, que não é preconceituosa e que estava arrependida do que fez.

"M. [a Justiça não se refere diretamente ao nome da acusada] pode não ser preconceituosa; aliás, acredita-se que não o seja. O problema é que fez um comentário preconceituoso. Naquele momento a acusada imputou o insucesso eleitoral (sob a ótica do seu voto) a pessoas de uma determinada origem. A palavra tem grande poder, externando um pensamento ou um sentimento e produz muito efeito, como se vê no caso em tela, em que milhares de mensagens ecoaram a frase da acusada", afirma Mônica Camargo, juíza federal responsável pelo caso.

Segundo a juíza, o Ministério Público Federal (MPF) denunciou a estudante por crime de discriminação ou preconceito de procedência nacional com base no artigo 20 da Lei nº 7.716/89.

De acordo com a transcrição da íntegra do julgamento, a acusada tentou se defender alegando que postou o comentário apenas por motivação política. "Eu tinha como candidato o José Serra, foi coisa do momento, como num jogo entre dois times, um jogador diz: 'Vou matar o Corinthians', é coisa de momento. Não sou preconceituosa, não faço discriminação."

Mayara alegou que após o ocorrido trancou o curso na faculdade de direito e que atualmente trabalha em uma empresa de telemarketing.

Fonte: Terra

Fonte: Portal de Notícias Vermelho. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=1&id_noticia=183452>. Acesso em 17 nov. 2012.

ANEXO B:

12/12/2011 19h58 - Atualizado em 12/12/2011 20h07

Ação da OAB-PE acusa internauta de racismo contra nordestinos

Presidente da entidade afirma que redes sociais não estão à margem da lei. A partir de posts no Twitter, entidade formulou notícia-crime.

Do G1 PE

[Tweeter](#) 298 [Recomendar](#) 5,4 mil [97 comentários](#)

 **@SophiaOfDrea**
Sophia Fernandes!

Nordestino não r

há 1 hora via web
de Weeze, Kleve

Reprodução de imagem do perfil no Twitter atribuído a Sophia Fernandes (Foto: Reprodução)

conta no microblog, mas não conseguiu.

saiba mais

Justiça Federal abre processo contra suspeita de ato racista no Twitter

'Se fez isso, precisa ser punida', diz pai de autora de frases sobre nordestinos

Fernandes, no qual haviam sido publicadas as mensagens, na semana passada, foi invadido por hackers.

A base da notícia-crime são os comentários postados no microblog, entre os quais " (Omacacos)-nordestinos-piaulenses-cearenses", "Sai do Twitter e vai cortar tua cana pra comprar teu arroz NORDESTINO", "Tem que usar câmara de gás pra matar teu povo" e "O Nordestino é a própria sujeira", de acordo com nota da OAB-PE.

Simultaneamente ao encaminhamento da documentação para o Ministério Público Federal, a OAB-PE enviou o material reunido para a Polícia Federal do Rio Grande do Sul, responsável pela investigação da autoria e da materialidade do crime. Mesmo que o perfil investigado não pertença a Sophia Fernandes, a pessoa que publicou os comentários pode ser responsabilizada, segundo a OAB.

Para Mariano, "é muito triste ver uma jovem de 18 anos ter esse tipo de postura, tão preconceituosa. Essa atitude atinge não uma pessoa determinada, mas uma coletividade, cerca de 30% da população brasileira. A acusação é pela prática do crime de racismo, que é inafiançável e imprescritível. Temos que repudiar e dar o exemplo".

No ano passado, a estudante de direito Mayara Petruso também foi alvo de ação da OAB-PE, cuja denúncia foi aceita pelo Ministério Público Federal de São Paulo. "Ela foi uma das responsáveis pela onda de manifestações de preconceito contra nordestinos, surgida na Internet, após o anúncio da vitória de Dilma Rousseff nas eleições presidenciais", relembra Mariano. O processo ainda está em andamento, em fase de instrução, mas ele considera que foi um precedente importante. "Está havendo um efeito prático positivo, porque foi o primeiro caso no Brasil de uma ação penal movida contra uma pessoa por crime de racismo a partir de comentários postados em redes sociais", assegura o presidente da OAB-PE.

Uma vez recebida pelo MPF, a argumentação da notícia-crime é verificada pelo procurador que for designado para o caso. "Se ele entender que os documentos reunidos são suficientes, já pode oferecer a denúncia de imediato, se não, ele pode solicitar outras diligências ou um pedido de quebra de sigilo cibernético, como aconteceu no caso de Mayara. O MPF de São Paulo constatou que a autoria das mensagens era dela e, por isso, ofereceu a denúncia", diz Henrique Mariano.

PUBLICIDADE

SÃO BRAZ
Pernambuco

17 NOV

11:52
Cartão de inscrição do vestibular do IFPE entregue a partir de segunda

11:10
Visitas estão mantidas após briga entre internos na Funase do Cabo, PE

10:02
UFRPE inscreve para concurso de professor em três cidades

00:30
Nelson Rodrigues Filho diz que pai ia ao cinema ver reação do público

16 NOV

PUBLICIDADE

SE VOCÊ NÃO É ALPHAVILLE, VAI SER.

Shopping

Smartphones Samsung Galaxy Android

a partir de 10 x R\$ 39,61

compare preços de

veja todos os produtos »

PUBLICIDADE

MIZUNO WAVE FRONTIER 6 W

POR R\$ 399,90
OU 12X DE R\$ 33,32

NETSHOES

COMPRE E PARTICIPE

Fonte: Portal de Notícias G1 Pernambuco. Disponível em: <g1.globo.com/Pernambuco/noticia/2011/12/ação-da-oab-pe-acusa-internauta-de-racismo-contra-nordestinos.html>. Acesso em 17 nov. 2012.